

OS PERFIS D'OPASQUIM21

Jaime Sautchuk

VICTOR LEONARDI

MUITO MAIS QUE ESCRITOR

Até dois anos atrás, dizer que o Orinoco, o maior rio da Venezuela, é um dos formadores do Amazonas, seria coisa de maluco. Entretanto, está provado que o Canal do Cassiquiare não é um canal. É um caudaloso braço do Orinoco, que junta-se ao colombiano Guainía para formar o Negro, e este, ao encontrar o Solimões, em Manaus (AM), vira o Amazonas. A descoberta é fruto da genialidade do historiador Victor Leonardi, um pesquisador, viajante, pensador, filósofo e poeta cuja obra ainda está por receber o grande destaque que merece. Foi ele o idealizador da Expedição Humboldt, que há dois anos percorreu 7 mil quilômetros de rios da Amazônia e, entre tantos feitos, comprovou esse fato.

A expedição foi coordenada por ele e pelo biólogo molecu-

lar César Martins de Sá, ambos da Universidade de Brasília (UnB). A equipe teve a participação de 39 cientistas.

parceria com o cineasta Sérgio W. Bernardes. Neste campo, porém, seu mais importante trabalho talvez seja o longa-metragem, em 35mm, *Atlântico Negro – na rota dos orixás*. O filme, dirigido por Renato Barbieri, é a história dos ex-es-

cravos retornados para a África. É precioso.

Ao lado do cientista rigoroso, há em Victor Leonardi a personalidade do viajante, do aventureiro, no bom sentido da palavra.



ces Alain Laraqe, que comandou as medições comprobatórias no Cassiquiare. Victor sabe supervisionar equipes multidisciplinares desse tamanho, em condições adversas. Boa parte de sua obra, porém, é fruto de trabalho solitário, em longas viagens, longas interações em museus e arquivos do mundo inteiro. Gastou, por exemplo, dois anos viajando pela China e Índia para conhecer um pouco daquelas culturas.

Com gigantescas pesquisas, ele consegue contar a história levando em conta a visão dos perdedores. É o caso do livro *Entre Árvores e Esquecimentos – história social nos sertões do Brasil*, que trata do processo de ocupação das terras do Centro-Oeste e da Amazônia. Mais dois anos em arquivos de Espanha e Portugal, além de viagens pelo Brasil.

Sua obra já é extensa e respeitada. O volumoso *Jazz em Jerusalém*, é um intrigante tratado sobre a criatividade humana, a partir da história da arte e da filosofia. Ao expor o contraponto dos pensamentos oriental e ocidental, e do dogmatismo (Jerusalém) à inventividade (jazz), Victor aponta o trajeto da liberdade no pensar e no fazer.

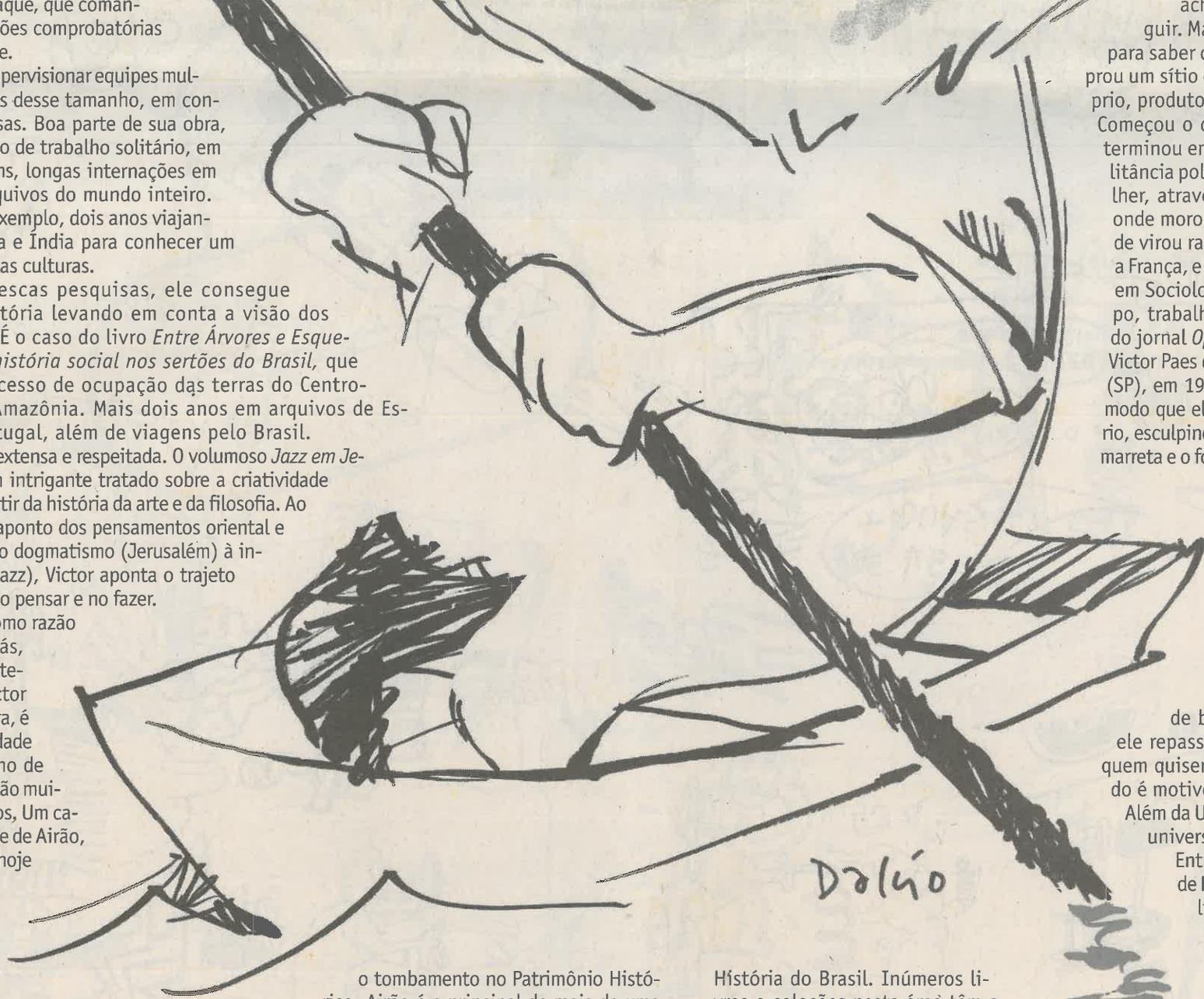
A liberdade como razão da vida é, aliás, uma das características de Victor Leonardi. Outra, é dar funcionalidade ao seu trabalho de pesquisador. São muitos os exemplos, Um caso é o da cidade de Airão, no Amazonas, hoje em ruínas, que ele defende

o tombamento no Patrimônio Histórico. Airão é a principal de mais de uma dezena de cidades que existiram na Amazônia antes do ciclo da borracha.

Natterer, um viajante austríaco que viveu na Amazônia entre 1825 e 1835, formou um enorme acervo sobre o Brasil. Victor foi à Áustria, microfilmou 60 mil documentos e, com o fotógrafo Juan Pratignestós, montou uma exposição de fotos de objetos etnográficos (arte plúmária, em especial) que percorre o Brasil há dois anos.

Uma pesquisa que Victor fez para a ONU, sobre a vulnerabilidade das fronteiras da Amazônia frente à Aids gerou o livro *Fronteiras Amazônicas do Brasil*. É um trabalho impressionante porque abarca numerosas situações pouco observadas, como a das populações em movimento (índios, barqueiros, garimpeiros, caminhoneiros, prostitutas). Por isso, é referência mundial. As aulas de Victor na UnB, especialmente as de História da Amazônia, tinham fila de espera de alunos. Nada mais apropriado para quem, como ele, tem ânsia de compartilhar o conhecimento. Com esse sentimento, ele já escreveu dezenas de roteiros para cinema e TV.

Já falou da saga dos brasileiros que vivem em Nova York (EUA), de espécies animais ameaçadas de extinção e por aí afora. São documentários curtos, vários deles em



História do Brasil. Inúmeros livros e coleções nesta área têm a sua participação. Até obras encomendadas pelo Ministério da Fazenda, como a que conta a história dos bancos, da moeda e da política financeira no Brasil.

Não faz muito, Victor resolveu desovar sua obra poética e de ficção, embora também estas sejam de conteúdo histórico, filosófico e autobiográfico. Dois livros de poesia foram editados pela Massao Ohno, de São Paulo, em 1998 e 1999. A também paulista Nanquim editou *Quando o Escriba do Castelo Era Eu*, cinco contos aplaudidos pela crítica.

Nas suas andanças pelo mundo, Victor sempre teve a companhia de sua mulher uma artista plástica, goiana de Anápolis, de nome Nenilda, ou Nena. Pessoa adorável, que faleceu recentemente. Tiveram dois filhos: Juliana, uma psicóloga que trabalha com doentes aidéticos, e Rodrigo, um matemático que faz doutorado em astrofísica no Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos (SP).

Victor, aposentado como professor, não pensa em parar. Mudou-se para o Rio de Janeiro, numa nova etapa de trabalhos, que inclui a finalização de vários novos projetos, inclusive livros, como o *Navio Brasileiro em Águas Profundas*, de contos, que ainda este ano estará nas livrarias.

achava que o filho também deveria seguir. Mas ele não quis. Na década de 1960, para saber o que era a 'cultura cacauieira' comprou um sítio em Una, na Bahia, e virou, ele próprio, produtor de cacau, durante quatro anos. Começou o curso de Direito em Ilhéus (BA) e terminou em São José dos Campos (SP). A militância política o fez sair do País, com sua mulher, através da Bolívia. Foi para o Equador, onde morou um ano, e para a Guatemala, onde virou radialista, em 1967. Depois, foi para a França, e lá fez dois cursos de pós-graduação, em Sociologia e em História. Ao mesmo tempo, trabalhava como jornalista, colaborador do jornal *Opinião* e da revista *IstoÉ*.

Victor Paes de Barros Leonardi nasceu em Araras (SP), em 1942. Seus tios eram marmoreiros, de modo que ele iniciou-se nas letras como operário, esculpindo epitáfios em lápides funerárias. A marreta e o formão ele trocou pelo lápis, com que escreve até hoje, antes de ir para o computador.

Insaciável na leitura, de memória invejável, ele é de uma erudição incomum. Mas não ostenta essas qualidades. Hábitos simples, com eterno jeito de aprendiz, embora professor, é uma pessoa generosa em todos os aspectos. Tudo que sabe, de bibliografia a conceitos próprios, ele repassa a alunos, outros professores, a quem quiser. Não regateia nada. Para ele, tudo é motivo de sonoras gargalhadas.

Além da UnB, ele já atuou em diversas outras universidades, como professor visitante.

Entre elas, a Unicamp e a Universidade de Berkeley, nos EUA, esta após ter realizado a Expedição Humboldt.

É incontável o número de trabalhos que ele já realizou sobre a